

**AROLDO MURÁ G. HAYGERT**

# **VOZES DO PARANÁ**

**RETRATOS DE PARANAENSES**

ALEXANDRE CURI

ARY DE CHRISTAN

BENTO GARCIA JUNIOR

GLEISI HOFFMANN

GUSTAVO FRUET

IRINEO DA COSTA RODRIGUES

JAIME LERNER

JOÃO OSÓRIO BRZEZINSKI

LUIZ ALFREDO MALUCELLI

**LUIZ FERNANDO**

**DE QUEIROZ**

**ELIN TALLAREK**

**DE QUEIROZ**

PEDRO CORRÊA DE OLIVEIRA

RAUL TROMBINI

RENÉ DOTTI

RICARDO HOEPERS, PE.

RICARDO PASQUINI

WALDO VIEIRA

WILSON DE ARAÚJO BUENO



**Convivium**  
editora ltda.

© 2009 Aroldo Murá G. Haygert

**Produção editorial**

Editora Esplendor  
Jubal Sérgio Dohms

**Revisão**

Agostinho Baldin  
Luís Henrique Zanon Franco de Macedo (referências)

**Projeto gráfico e capa**

Jubal Sérgio Dohms  
sobre layout de Clarissa Martinez Menini  
(para o primeiro livro da coleção)

**Arte**

Carlos Augusto Rougemont  
Gilberto Nunes Guerra

**Fotos**

01 e 20: Alice Varajão  
02 a 19, 21 e 22: arquivo pessoal

Dados internacionais de catalogação na fonte  
Bibliotecária responsável: Angela M. S. Cherobim

H412 Haygert, Aroldo Murá G.  
Vozes do Paraná: retratos de paranaenses /  
Aroldo Murá G. Haygert - Curitiba: Esplendor;  
Convivium 2009.  
300p.: il.; 23 x 28cm.  
ISBN 978-85-98364-21-6

1. Paraná – Biografia. I.Título

CDD ( 22ª ed.) 920.098162

1ª Edição



Para adquirir este livro, entre em contato com a  
**CONVIVIAM EDITORA LTDA.**  
Av. Sete de Setembro 5569, sala 1106  
Curitiba PR  
CEP 80240 001  
Telefone (41) 3243 2530  
contato@conviviumeditora.com



**EDITORIA ESPLENDOR**  
Rua Deputado Mário de Barros 752 -  
Juvevê  
Curitiba-PR  
CEP 80530 280  
Telefone (41) 3253 4608  
eduardo@esplendorbrasil.com.br

Impresso no Brasil

## apresentação

Este segundo volume de VOZES DO PARANÁ nasceu porque, sendo parte de um projeto pessoal do autor, foi empurrado por resultados além do esperado. Houve muitas manifestações positivas sobre perfis com que mostrei homem e mulheres singulares da vida paranaense.

De todas as expressões, a que mais me animou foi o olhar sábio que sobre este trabalho colocou o crítico literário e analista da sociedade brasileira – vide História da Inteligência Brasileira e Um Brasil Diferente –, o mestre Wilson Martins\*.

As observações da genial personalidade brasileira (ele ainda não teve o justo reconhecimento de sua terra) são lições que ficam. Eu as recolhi absolutamente surpreso, compungido, até, pois não imaginava merecer meu livro avaliações de um nome tão paradigmático da cultura brasileira.

Este segundo volume nasce com o compromisso de ampliar os “retratos” de paranaenses, salientando sua obra, pois se trata de gente que ajuda a definir o Paraná contemporâneo de maneira particularmente saliente. São novos construtores da sociedade, parceiros da História. Uma parcela pequeníssima, é certo, mas bem representativa de um Paraná multifacetado.

O livro tem só essa pretensão: registrar as pisadas de alguns, escolhidos entre milhões de paranaenses, como parte de uma mostra preciosa. Conhecê-los pode ser um exercício lúdico, em certos casos; noutros, um desvendar de tipos psicológicos que orgulham o Paraná, por sua obra até internacional.

A leitura dos feitos desses personagens pode propiciar uma boa imersão em realidades valiosas, nem sempre muito conhecidas, absolutamente importantes para o melhor entendimento dessa terra de todas as gentes.

Aroldo Murá G. Haygert  
aroldo@cienciaefe.org.br

Curitiba, 26 de maio de 2009

\* Wilson Martins é professor emérito da Universidade de Nova York, quando foi jubilado em 1992. Ele lecionou literatura brasileira por 27 anos na NY University, dois na Wisconsin University e por um na Kansas University. Dava aulas semestrais para grupos de 20 a 30 alunos.



## **Luiz Fernando de Queiroz e Elin Tallarek de Queiroz benfeitores urbanos e zeladores da cidade**

Você conhece quem invista recursos próprios contraindo pessoal para despichar propriedades públicas e/ou privadas atingidas pela ação dos vândalos? Ou quem invista também em tapar buracos de calçadas, despoluir bancos de praças e passeios, jardineiras, “orelhões”? Ou ainda: quem mantenha um corpo permanente de “zeladores de vizinhança” para servir graciosamente à comunidade, atendendo pedidos de urgências de despichação de muros e edificações, o restauro de calçamento e replantio de jardins públicos atingidos pelo vandalismo?

Tais investidores (raridades) sociais existem. Começaram a existir organizadamente em Curitiba a partir de uma data simbólica, o 11 de setembro de 2001, o da destruição das torres gêmeas de Nova York. Coincidência? Talvez o trágico-simbólico de NY só tenha deflagrado o que existia de forma embrionária.

“Não fazemos caridade, alteramos a realidade, melhoramos o meio urbano, este é o foco da nossa atividade”, dizem, em uníssono, Luiz Fernando de Queiroz e Elin Tallarek de Queiroz, casal originário de Santa Catarina, ele há 44 anos, ela há 40 anos vivendo em Curitiba. São definidos por amigos como “curitibanos inveterados” que fazem continuadas ações sociais em favor da cidade. São o resumo de um espírito comunitário raro no país, vidas ricas com tonalidades de vanguarda e marcadas por certezas. Uma delas, a de que “é preciso conservar, ser conservador no que tem de ser conservado”.

Conservadores que, até por isso, investem também no ensino da língua portuguesa culta, via Internet, por meio de ensino passado a milhares de brasileiros pela mestra professora Maria Tereza de Queiroz Piacentini ([www.linguabrasil.com.br](http://www.linguabrasil.com.br)), via Instituto Euclides da Cunha. Há cadastro de 30 mil inscritos nos cursos da professora, além de obras editadas dela sob o patrocínio do instituto.

Acreditam os Queiroz que ou se fala e se escreve o português gramatical ou se acabará aceitando um dialeto de vagas tonalidades camonianas. Um arremedo do português.



Primeira Comunhão  
(1.11.1956).

**Ano bissexto, numa sexta, 13 de agosto**

Nasceu, em Joaçaba, SC, numa sexta-feira, em 13 de agosto, 1948, ano bissexto, data que só se repete de 28 em 28 anos. Em 2004, comemorou a data. Tinha, segundo os supersticiosos, tudo para dar errado. Mas deu certo o Luiz Fernando de Queiroz de ancestrais germânicos (uma avó materna era Knabben), portugueses e baianos, da ilustre casa dos Queiroz, de Valença e Salvador. Outra avó era filha de judeus (cristãos novos).

Começou ganhando por acertar na “loteria” do casa-

mento, com o “grande prêmio” Elin Tallarek de Queiroz, uma germano-prussiana e bávara, de pai e mãe, nascida em 6 de novembro de 1944 em São Bento do Sul, SC, bom exemplo de cidade desenvolvida sob a influência germânica.

A união explicitou o traço maior de suas personalidades e almas gêmeas – o espírito comunitário que os identifica como “zeladores” de Curitiba. Não há cognome mais acertado, decorrente da ação comunitária que fazem, silenciosa, sem alaridos, sem frequentar colunas

de *socialites* ou gabinetes de homens públicos em busca de verbas e recursos para seus projetos (dispensam dinheiro de governos). Um trabalho visível em Curitiba toda. Querem um exemplo? Quem encontra aqueles homens consertando calçadas ou despichando prédios e muros privados e/ou públicos, trajando macacões identificados como “Passeio Nota 10” ou “Zelador de Vizinhança”, estará apreciando um dos trabalhos comunitários mais eficientes e organizados que se possa imaginar.

Assim, suas próprias custas, – raridade em iniciativas comunitárias – o casal empenha-se na restauração do patrimônio urbano destruído ou maculado pelos vândalos e/ou omissões do poder público. Ou até de particulares. Uma ação única, sem similar aqui, exemplar.

Em novembro de 2008, por exemplo, a ação dos zeladores de vizinhança – o *staff* operacional do projeto – foi para despoluir e pintar os muros do Instituto de Educação do Paraná, prédio histórico tombado pelo patrimônio público. Houve barreiras burocráticas tardando a



Acima:  
Adolf Tallarek,  
pai de Elin,  
em São Bento (1975).  
À direita,  
Elin em seus  
primeiros passos.



Luiz em seu aniversário de 1 ano (13/08/1949).

ação que restaurou a aparência desfigurada do edifício tão identificador de Curitiba.

A Travessa da Lapa, do Centro de Curitiba, até 2004 era exemplo de deterioração urbana: *habitat* de maloqueiros, as paredes de seus prédios e seus muros refletiam essa desordem urbana, visível também nos mocós de drogados e pontos de delinquências diversas. Era o sonho e campo de ação ideal de qualquer pichador urbano, ninho de uma marginália urbana.

Um dia, Luiz Fernando e Elin resolveram alterar esse “destino”. Procuraram fornecedores de cal e tinta branca, fizeram-nos parceiros, contrataram mão-de-obra que treinaram para a tarefa *suis generis* de mudar a aparência do local. Até uma escola do Boqueirão envolveu duas

centenas de alunos numa das investidas comunitárias dos zeladores de vizinhança contra a sujeira e a degradação do local, todos motivados pelos Queiroz.

– Hoje a área está limpa, mudou de figura. Os pichadores, parece, desistiram. Se voltarem, voltaremos com a limpeza”, assegura Luiz Fernando de Queiroz, advogado e empresário que, de saída, vai explicando: “Não fazemos caridade, melhoramos o meio urbano, contribuindo para alterar positivamente a realidade em que vivemos”.

Ele e Elin acreditam que “nos tornamos aquilo que contemplamos”. Daí o trabalho que fazem, contra a maré da deterioração que, de outra forma, vai incentivando a desfiguração da cidade.

E como que reforçando sua catequese comunitária, Luiz Fernando e Elin exibem exemplar da revista inglesa *The Economist* com conclusões sobre o tema. São frutos de pesquisas sedimentadas por psicologia social: os crimes, pequenos e grandes, desenvolvem-se com maior abundância em locais que lhes são propícios no cenário urbano, como as ruas, praças e parques mal cuidados; casarões abandonados, becos escuros, mobiliário urbano de toda ordem largado ao “deus dará”. É a conclusão do *The Economist*, que apenas confirma a visão que há anos vêm alimentando os Queiroz e sua ação de profilaxia urbana.

#### Quem garante tudo é o trabalho deles

Como tudo começou? Começou, extraoficialmente, em 1997, quando Luiz Fernando foi dar queixa de roubo

num de seus escritórios à Delegacia de Furtos e Roubos, que então ficava na Avenida Vicente Machado.

Ficou impressionado com a decadência do prédio. Dali nasceu a intenção de garantir a pintura de todas as delegacias e distritos policiais de Curitiba. O que foi feito até 2007, muitas vezes incluindo a entrega de quadros de repousantes paisagens, tudo para tornar o *locus* policial não decadente, menos agressivo, mais humano.

“Nós queremos segurança e nada investimos para tê-la”, diz Luiz Fernando de Queiroz.

O programa de pintura e restauração de delegacias foi interrompido naquele ano “por falta de mão-de-obra”. Efeitos de uma economia superaquecida de então?

Outra ação pioneiríssima do casal foi a campanha, em 1997 também, contra a violência do trânsito. Por ter sido ela mesma vítima de absurdo atropelamento estan-



Elin com irmã em São Bento (1952).



*Estudante em Council Bluffs.*



*Luiz como intercambista em Council Bluffs.*

do supostamente “protegida” numa faixa de pedestre, Elin sentiu-se motivada a liderar uma ampla campanha: milhares de decalques e volantes impressos passaram a ser distribuídos pela cidade com a mensagem-apelo tipo “Mais respeito, menos violência”, ou “Pare na Faixa”, “Só furo sinal verde”, “Respeito o pedestre”.

Os decalques estão até hoje circulando, colados nos painéis dos carros e em motos, prova de adesão comunitária, pelo menos dos bons motoristas.

A institucionalização de todas as ações comunitárias dos Queiroz se dá em 2000. Em 2001 Elin e Luiz Fernando iniciaram o programa de zelador de vizinhança no Balneário Saint Etienne, onde têm casa, no litoral do Paraná. O exemplo foi seguido em outros balneários que resolveram fazer trabalho supletivo ao do poder municipal, quase inoperante na manutenção de ruas e passeios no litoral. “Ou fazíamos a defesa do balneário contra o desleixo das ruas ou nos mudaríamos”, diz Luiz

Fernando.

Resolveram ficar, deram exemplo de resistência social, apontaram caminhos aceitos por veranistas de outras praias.

Hoje as diversas ações de Elin e Luiz Fernando são consolidadas via Associação de Condomínios Garantidos do Brasil (ACGB/Vida Urbana), entidade de ação comunitária, com o suporte financeiro de empreendimentos do casal: a Garante e a Duplique, que fazem cobrança de centenas e centenas de condomínios em cidades brasileiras, como Curitiba (sede), Porto Alegre, São José (SC), Florianópolis, Londrina, Maringá, Canoas (RS), Campinas, Ribeirão Preto, São José dos Campos (SP) e Campo Grande (MS).

A Duplique e a Garante operam assim: adiantam recursos aos condomínios e cobram em lugar deles as taxas dos condôminos, atrasadas ou não. Colhem bons frutos.



Família Queiroz  
(1965).

Tanto nos negócios como nas ações comunitárias com que se movem, Luiz Fernando e Elin reconhecem influências norte-americana e germânica.

Os dois passaram anos da juventude em pequenas comunidades dos Estados Unidos. E Elin teve aula de cidadania ao lado do pai, o imigrante prussiano Adolf Karl Tallarek (nascido em 1908), engenheiro, na prática, das indústrias Condor, chegado ao Brasil em 1930, também bombeiro voluntário da cidade de São Bento do Sul. A cidade é um espaço urbano original, ordeiro, sem favelas, sem pedintes, baixa criminalidade, limpíssimo e ordenado. Lembra, em alguns aspectos, um burgo germânico.

Luiz impressionou-se vivamente com as ações conjuntas, voluntárias, desinteressadas, dos cidadãos de pequenas cidades do *bible belt*, o cinturão bíblico, como Council Bluffs, Iowa, 50 mil habitantes, onde viveu na casa de seus pais americanos, de 1965 a 1966. Os donos da casa, dentista e ex-prefeito local Dr. Donald Robert Lash, e sua esposa Frances Marshall Lash, com ele formaram laços afetivos perenes. Em 2009, os Queiroz visitaram novamente Mrs. Lash, a viúva de Donald.

Luiz foi dos primeiros brasileiros a participar do pio-

neiro programa de intercâmbio e convivência, o AFS, o American Field Service, assim como o também curitibano, seu amigo José Dionísio Rodrigues, dono hoje da agência de publicidade Opus Múltipla. Submeteram-se a exames rigorosos para a admissão no AFS. E lá, fazendo a High School senior, pronunciou 35 palestras sobre o Brasil, sua geografia, sua história, seu povo, sua riqueza humana e reservas naturais. Hoje os programas de intercâmbio não priorizam tais ações, banalizaram-se, identificados que são como empreendimentos patrocinados por operadoras de turismo, via de regra.

Elin, de 1963 a 1967, viveu nos Estados Unidos, como *au pair* (programa de estudos e trabalho) morou com uma família em um distrito de Long Island, Nova York. Aprendeu inglês com as quatro crianças da casa, fez cursos de secretariado, foi garçonne e, *part time*, secretária de um escritório comercial local. Depois, de volta ao Brasil, exerceu o magistério primário em Blumenau, lecionou inglês em Curitiba no aristocrático Colégio Sacré Coeur de Marie e no Centro Cultural Brasil-Estados Unidos (Inter), Cultura Inglesa, além do Goethe.

Foi aprovada em todos os exames de proficiência internacionais dos dois idiomas, como o KDS e GDS (ale-

mão) e obteve os diplomas de Michigan e Cambridge. Na Universidade Federal do Paraná, formou-se em Geografia.

### Fichado pelo Dops

À primeira vista, Luiz Fernando de Queiroz parece um tipo “seco”, não é o que estabelece empatia no primeiro aperto de mão. Novos contatos irão revelando alguém com preparo psicológico muito especial, “talvez apenas algo retraído”, observa um jornalista que o viu iniciar-se na carreira de repórter no extinto Diário do Paraná, no final dos 60s, e depois se formar em Jornalismo e Direito pela UFPR. Para alguns amigos mais próximos, tudo “é máscara para esconder o ser humano generoso, sensível ao próximo, que no Luiz habita”.

No jornal foi desde setorista, repórter de geral, chefe de reportagem até chegar a editor de cidade. Para ga-

nhar a vida esse filho de um advogado consolidado da cidade de Joaçaba (Alexandre Muniz de Queiroz, casado com Dulce Fernandes de Queiroz, professora de francês e puericultura, os dois já desaparecidos) trabalhou também na então sucursal de Curitiba do importantíssimo e libertário jornal carioca Correio da Manhã (ao lado de Simão de Montalverne, oficialmente Moschowich, e Aroldo Murá G. Haygert), além de ter sido assessor de imprensa da agência local do BRDE.

– Era um tempo em que eu fazia também faculdades de Direito e Comunicação Social, na UFPR, me revezava na ADM (hoje Opus Múltipla) com tempo para fazer *free-lance* para o semanário Voz do Paraná, rememora Luiz Fernando, completando com uma ponta de bom humor, o sorriso contido:

– E tinha tempo para namorar a Elin, pois namorar era preciso.



Formatura de Luiz  
em Jornalismo  
(12/1971).



*Elin, em um casamento em Videira (SC) - Setembro 2001.*



*Com Luise - 12/12/1982.*

Elin e ele foram resultado de namoro de janela. Ela morava num apartamento ao lado daquele em que ele e o irmão eram parte de uma república de estudantes, no centro de Curitiba.

Próspero, mas não rico no sentido com que hoje identificamos os que exibem sinais de riqueza, o advogado Alexandre formou e educou exemplarmente os sete filhos. Mas os homens não escaparam das repúblicas e das pensões mal cheirosas, como aconteceu com Luiz Fernando, em Curitiba. “Fazia parte do aprendizado para a vida”, parece dizer Luiz, ao revelar suas experiências de moradia nas ruas General Carneiro e Portugal

dividindo o espaço com um dos irmãos.

Como não é de muito falar sobre sua vida pessoal, poucos companheiros de jornal tomaram conhecimento de que Luiz Fernando foi considerado “subversivo” pela então delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), comandada pelo temido delegado Osias Algauer, fichado que foi por ter participado, com pelo menos outros 200 universitários, de histórica manifestação estudantil a favor do ensino público, no Centro Politécnico da UFPR, em 1968.

As consequências restritivas a seus direitos de cidadão se estenderiam por muitos anos. Como decorrência da



*Luiz Fernando no jornal Diário do Paraná.*



*Luiz e Elin,  
flor e amor  
(1/1972).*



*Casamento  
Luiz e Elin  
(1/1972).*

ficha desabonadora para os olhos ditatoriais, Luiz Fernando foi muito vigiado pelas Assessorias de Segurança e Informação, redutos oficiais de repressão ao livre pensar, existentes nas universidades do país. Elas se propunham fazer a “defesa do Governo, contra a subversão”. Só em 1979 conseguiu obter passaporte, na onda da abertura democrática “lenta e gradual”. Mas até 1985 estava impedido de participar de concursos públicos (quem sabe, magistratura ou o Itamaratí fossem seus alvos) e, embora declarado oficial da reserva do CPOR, não pôde cumprir estágio obrigatório numa das unidades do Exército.

#### **Referência em direito imobiliário**

O Luiz Fernando de Queiroz de hoje é fiel às pisadas propostas pelo pai, professor e advogado Alexandre e a mãe, dona Dulce. É o quinto de sete filhos do casal. Deve ter herdado marcas do avô paterno, Enéas Vascon-

cellos de Queiroz, conhecido pelo apreço aos estudos e à organização de ideias e de homens para o trabalho.

O grande traço de união da família Queiroz com o Paraná está no baiano Zacarias de Góis e Vasconcellos, tio-trisavô de Luiz Fernando.

Zacarias, mestre do Direito em Recife, grande liderança católica do Segundo Império, foi o primeiro presidente da Província do Paraná, instalada em 1853.

Nascido em berço tradicional da Bahia, o engenheiro ferroviário Enéas Vasconcellos de Queiroz foi construtor da ferrovia Madeira-Mamoré e depois, no Sul, dirigiria a estrada de ferro Dona Cristina, em Santa Catarina.

Com esse Queiroz nasce o braço sulista da família. E um de seus membros – Enéas Muniz de Queiroz, tio de Luiz Fernando –, também engenheiro, foi forte presença na história do Paraná moderno, como secretário de Viação e Obras Públicas no Governo Paulo Pimentel, depois de ter sido superintendente da Rede Viação Paraná-



*Luiz, Elin e filhos  
(25/12/1977).*

Santa Catarina (RVPSC).

Profissionalmente, Luiz Fernando fez uma boa simbiose do redator preciso, aquele que aprendeu a escrever para jornal sabendo que não é candidato a nenhuma academia de letras, com o homem das leis.

Na redação do então mais importante jornal do Paraná, o “Diário do Paraná”, dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, nos anos 60s até 1972, Luiz Fernando de Queiroz foi colocando em prática as recomendações de profissionais experientes que ali encontrou.

Uma delas foi absorvida sem ressalvas: “escreva de forma simples, direta, o substantivo imperando, só assim vai dar bem o recado da notícia”.

Claro que havia outros colegas a recomendar a imersão num jornalismo como gênero literário, visão apresentada por notáveis no âmbito nacional, como Tristão de Ataíde, e que achou terreno fértil também no Paraná.

Mas Luiz Fernando de Queiroz ficou mesmo com a orientação que já definia o texto jornalístico a partir da escola norte-americana, sabendo que deveria “ser apenas candidato a ser compreendido pelo leitor no dia seguinte”.

Assim equipado, o advogado dispensa o “juridiquês” e não tem dificuldades em colocar em prática ideias amadurecidas pela mente de quem foi sempre “uma usina de ideias”, como observa um advogado que com ele trabalha há 20 anos.

Antes de escolher o Direito Imobiliário como especialização que o projetaria nacionalmente, trabalha ao lado do mestre José Salvador Ferreira, fazendo aprendizado de Direito Trabalhista, numa imobiliária, depois parte, em sociedade, para experiência rápida de um certo “banco de habeas corpus” e um banco de petições para advogados.

A escolha do Direito Imobiliário como especializa-



*Elin com a filha,  
lições para a vida.*

ção – campo virgem no país dos anos 70s, 80s – torna-o constante presença em jornais do país com artigos e colunas sobre os mais abrangentes assuntos da área dos imóveis. Já escreveu mais de 600 colunas sobre condomínio e Direito Imobiliário.

A pedido de um editor paulista, Joaquim Oshitake, Luiz Fernando parte para experiência arrojada e que teria repercussão no país: escreve um curso de direito imobiliário em módulos. Daí seguem experiências relevantes, como a publicação de obras em fascículos para o IOB, treinamento programado à distância, a publicação de livros e fascículos sobre administração de imóveis, e resposta de consultas a clientes do IOB sobre a especialidade. O próprio boom imobiliário, num país que acentuava sua urbanização, fortaleceu e valorizou o especialista e seu trabalho.

O enxergar longe continuou pavimentando a carreira do advogado, cujos conhecimentos tiveram como molas o manejo de idiomas, como o alemão e o inglês. São saberes que, de alguma forma, deve estar passando ao filho, o também advogado André Zacarias, 31 anos, pai de Júlia (nascida em 2008), casado com a bioquímica Halline. André tem mestrado em Direito Internacional feito no Canadá. E a filha, Luise, advogada, 34, é casada com um ás da pesquisa em Informática, o engenheiro Clovis Raimundo Maliska Junior, cujo perfil técnico deve ter sido o responsável pelo prêmio que a empresa de que é diretor em Florianópolis recebeu da Finep em 2008.

Os dois filhos fizeram o terceiro ano colegial na Alemanha, anos 90s, em programa de intercâmbio do AFS. São craques em alemão, atesta a mãe e mestra.



*Com a família:  
aniversário de  
60 anos de Luiz  
Fernando (2008).  
A neta Júlia,  
no colo de Elin.*



*Elin: os traços da  
forte determinação  
dos germânicos.*



*Elin e Luiz.  
Ela é especialista  
sempre consultada  
sobre calçadas e  
deterioração urbana.  
Ele, uma usina de  
ideias, é especialista  
em Direito  
Imobiliário.*

Quando aborda a formação dos filhos, é eloquente ao citar sua própria formação básica: Luiz acha que deve muito ao colégio dos maristas, em Joaçaba, onde fez seu ensino ginasial: “Era rigorosíssimo, ensino para a vida”, assegura.

### **Telejuris e Bonijuris**

Continuando a lembrança: em 1984, Luiz Fernando vai adiante, lança um serviço único no país, o Telejuris, consultoria jurídica aberta a todos os interessados, por telefone, trabalho que teria apoio de especialistas de diversas áreas do Direito.

Como surpreendente inovação que era, o Telejuris sofreu oposições de colegas de profissão e de entidades de classe. Gente refratária a inovações, acostumada a padrões de trabalho de um Brasil cartorial, fez oposição à novidade. Em vão, as reclamações levantadas pela OAB foram arquivadas. Hoje o Telejuris atua como consulto-

ria jurídica para seus associados – mas apenas advogados –, via internet.

A usina de ideias Luiz Fernando de Queiroz fundou com o comerciante de obras jurídicas Gerson de Moraes Garcez, o serviço Bonijuris, em 1989. De livros a CDs, Revista Bonijuris, *site* aberto para clientes – o portfólio



Com a filha Luise e a neta Julia.

de serviços é amplo, incluindo pesquisas para advogados.

E tudo começou com a entrega de disquetes com informações jurídicas, doutrina, súmulas, interpretações, pareceres.

### Previsível e organizada

Qual o traço mais saliente de Elin Tallarek de Queiroz, filha de Adolf e da também alemã da Bavária Luise Meyer (nascida em 1908 e chegada ao Paraná, Campo de Tenente, em 1923), a mãe, que morreu quando ela tinha só 11 meses?

Serena, português impecável, tipo longilíneo, ela raramente tem o humor alterado. Fala de forma pausada, as palavras como que escolhidas para um diálogo claro e, mesmo em temas delicados – como quando, raramente, aborda o assunto religião – é amena. A propósito: Luiz

Fernando é de formação católica, Elin e Luise, luteranas; André, quando universitário, tornou-se católico, catolicismo esclarecido, assentado em muitos estudos e formação.

As posições de Elin são expostas com objetividade. Quando pergunta, nas sondagens é detalhista. Perguntas que podem até denunciar certezas da hábil negociadora que é.

Na festa de 60 anos de Luiz Fernando, a plástica e o porte impecáveis – nenhum cuidado especial, tudo deve ser constitucional – compunham retrato algo clássico de Elin. Dentre as observações mais positivamente certas: “Tem estilo, é irrepreensível”, opinou Marcelle de Cerjat Duarte, uma das convidadas, exigente universitária de Publicidade, recém-entrada nos 20 anos, fruto de uma geração que até poderia rejeitar o “padrão Elin”. Mas, ao contrário, por ele é cativado.



Luiz sabe que é preciso educar as novas gerações para o exercício da cidadania. Nos braços, a neta, 2009.

“Foi elegante desde a infância, dona de seguro preparo psicológico”, observam duas amigas de seus tempos catarinenses.

Com as irmãs Karin e Ilse, Elin dividia o tempo de criança cheio de certezas em São Bento. Depois, do segundo matrimônio do pai, nasceria a irmã Marie-Luise.

A infância teve surpresas, mas foi agradável.

A primeira grande dificuldade de Elin foi no início do curso primário: não entendia o português dos professores, uma das irmãs tinha de ser sua intérprete português-alemão. Mas a barreira foi vencida sem maiores traumas. Eram tempos de integração linguística, ressonância da II Guerra. Mesmo porque, na escola, como outros muitos colegas, teria de deixar o idioma de Goethe de lado. Nunca o deixou na vida diária, e um dia o alemão seria para ela meio de subsistência, ao lado do inglês.

Também seguiu as pisadas de seus ancestrais em outros passos na plácida São Bento de sua meninice, como a frequência aos cultos dominicais da Igreja Evangélica da Confissão Luterana (Sinodal) e, completando a formação desse espírito em paz com o seu entorno, havia o aprendizado de violino na Escola de Música de São Bento. O primeiro a influenciá-la foi o húngaro Edy Gloz. Com ele aprendeu teoria musical e violino, além de estudos em flauta doce. Esse currículo, importante na cidade tão musical e conhecida pela Banda Treml, levou-a a fazer parte da Orquestra Juvenil da cidade. Com ela fez várias apresentações públicas.

Até no amor à música ela e Luiz Fernando se completam: ele é exímio acordeonista, formado na Academia de Acordeon Pozza, de Joaçaba. Nos Estados Unidos – contou o filho André, na festa dos 60 anos do pai –, o acordeonista Luiz atraía amigos e familiares da casa norte-americana, ao exibir talentos em músicas clássicas e brasileiras populares.

O perfil psicológico de Elin torna fácil entender porque e como ela fez uma imersão profunda na defesa do meio urbano de sua Curitiba. Uma missão, ao lado de Luiz Fernando, que envolve a supervisão de ações de equipes de calceteiros, pintores, jardineiros. Além de planejamento. E para cuja execução dos programas de zeladores de vizinhança e Passeio Nota Dez eles colocam muito mais dos que os milhares de reais/mês seus.

Resultado dessa escola de cidadania que os Queiroz foram solidificando é o reconhecimento – entre autoridades e especialistas – de que Elin é hoje grande *expert* em passeios urbanos. Uma referência nessa área ainda pouco estudada. Ou mal estudada, quase sempre sob abordagem superficial.

Ela sabe quais materiais são os aprovados para garantir a existência de calçadas sem desníveis e as que oferecem segurança para o pedestre, sobretudo àquele que é a maior vítima das ciladas das calçadas curitibanas – os cidadãos da terceira idade.

Elin já promoveu ou participou, como explanadora preferencial, de eventos sobre calçadas e passeios e sua segurança, em Curitiba, Blumenau, Londrina, Maringá, ao lado de engenheiros, parlamentares, autoridades estaduais e municipais e, sobretudo, urbanistas. Empresas como a Incepa e Votorantim Cimento são citadas como boas parceiras dessa catequese em defesa da cidade.

Com autoridade, Elin dá atestado de qualidade aos calçamento das Praças Generoso Marques, Tiradentes e Japão. E, sem ser política partidária, e jamais declinar em quem vai votar (o que também faz Luiz Fernando), ela ficou contente de dar a “Lajota Nota Dez” ao prefeito Beto Richa. Foi “pelo conjunto da obra em favor do passeio seguro”, garante.

Enquanto agradece, resumindo traços de parcerias, lamenta que a Lajota Nota Dez só tenha sido outorgada até agora a apenas quinze pessoas. Foram feitas cem unidades da premiação.

E sobre engajamento comunitário, fazem uma pausa de reconhecimento a dois amigos já mortos, que atuaram em favor de seus projetos, o publicitário e escritor Jamil Snege, e o jornalista Creso Moraes, da Enfoque Comunicação. Deram ajudas inestimáveis, totalmente grátis.

Despedem-se. Partem para atender às duas bases do programa comunitário assumido pela Associação dos Condomínios Garantidos do Brasil: uma fica no centro, abrange ações diárias em toda região central pelos zeladores de vizinhança. Outra, no bairro do Portão. Mas há pedidos de socorro que vão se avolumando, sinais evidentes de que a Cidade Sorriso reclama mais ações concretas envolvendo comunidade. Como fazem os Queiroz.